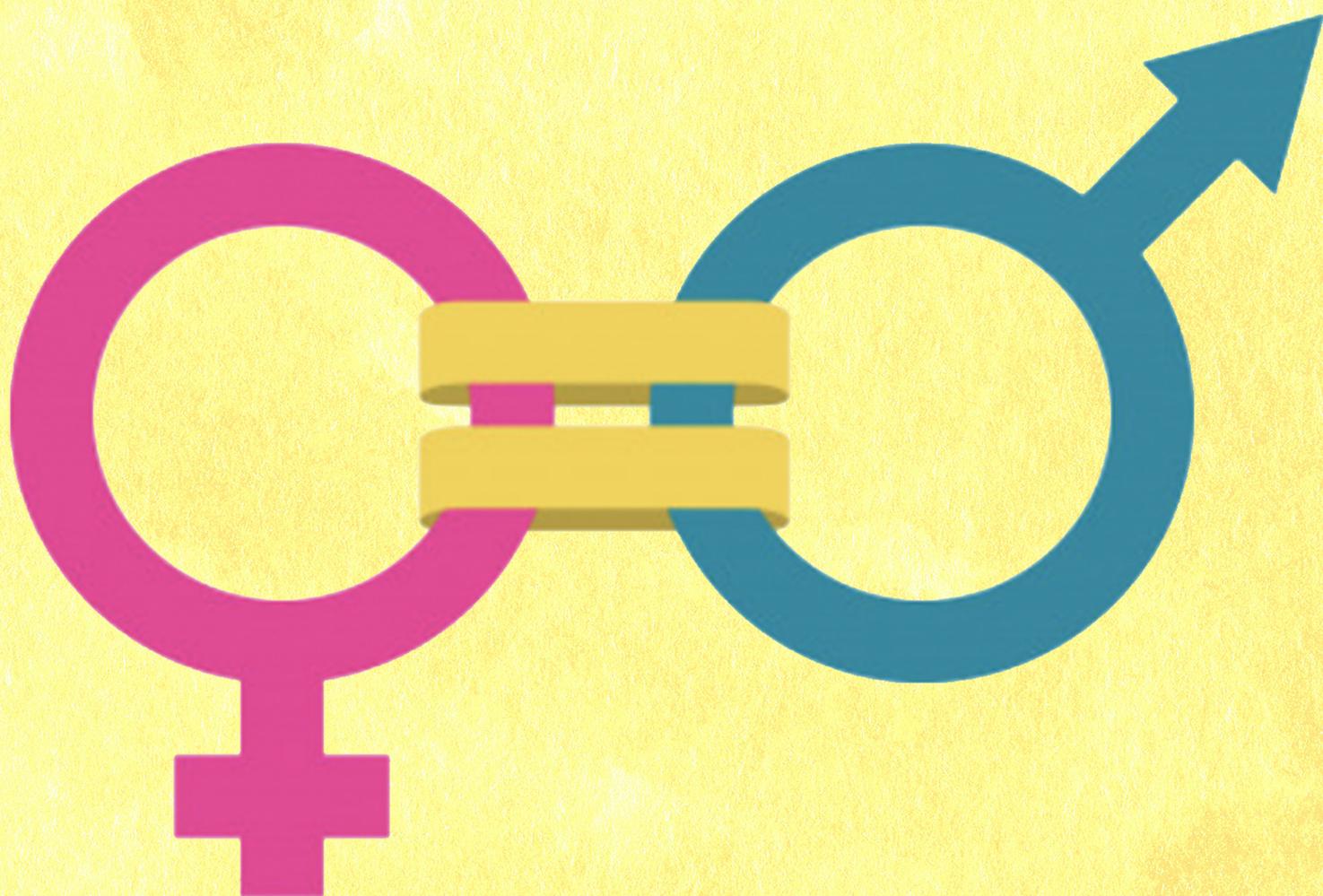


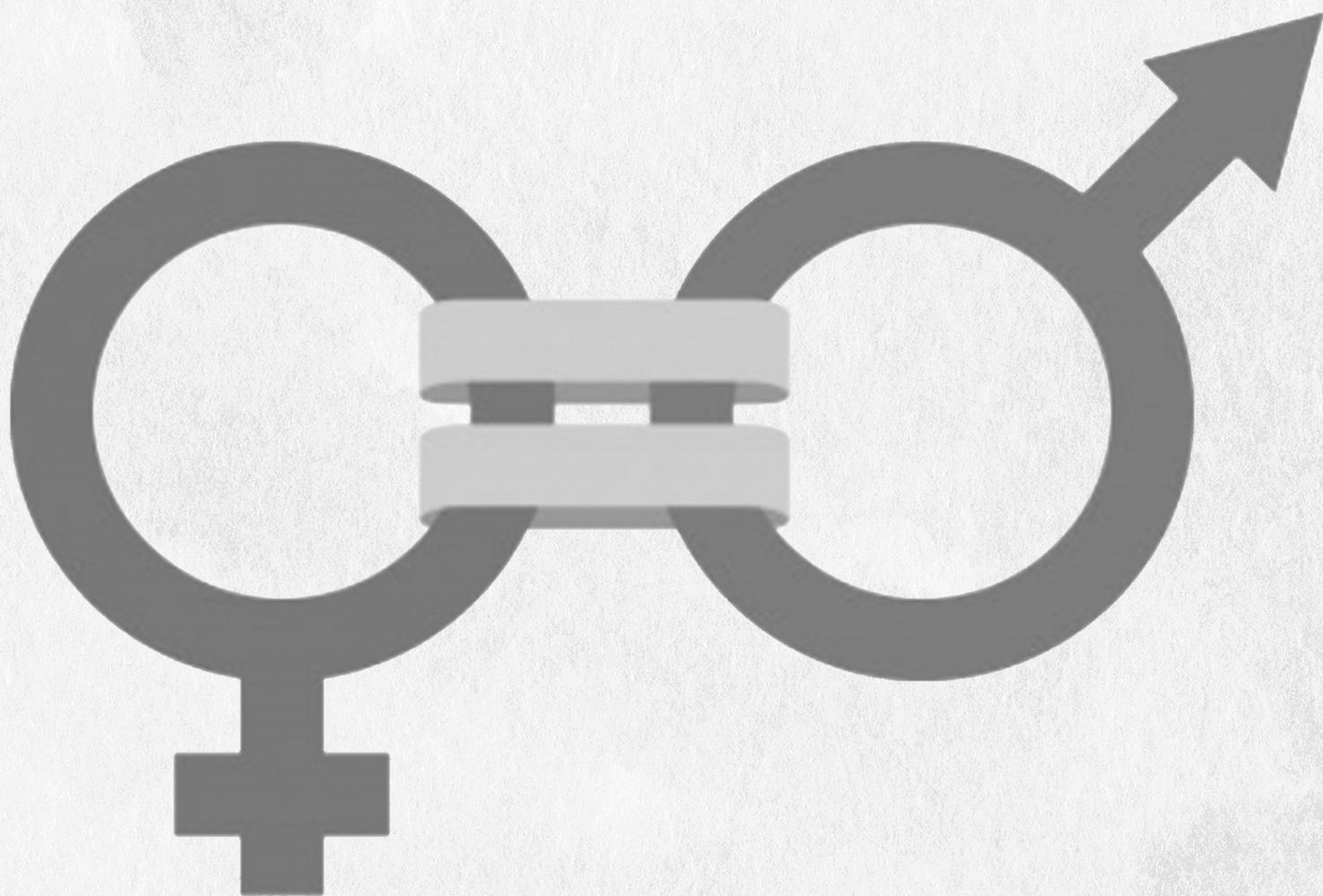
RELAÇÕES DE GÊNERO E AS SUBJETIVIDADES EM CONTEXTOS CULTURAIS

SOLANGE APARECIDA DE SOUZA MONTEIRO
(ORGANIZADORA)



RELAÇÕES DE GÊNERO E AS SUBJETIVIDADES EM CONTEXTOS CULTURAIS

SOLANGE APARECIDA DE SOUZA MONTEIRO
(ORGANIZADORA)



2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Lorena Prestes

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof^a Dr^a Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof^a Dr^a Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Prof^a Dr^a Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros

Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Prof^a Dr^a Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros

Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Prof^a Dr^a Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof^a Dr^a Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof^a Dr^a Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Prof^a Dr^a Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Prof^a Dr^a Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^a Dr^a Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof^a Dr^a Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Dr^a Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof^a Dr^a Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof^a Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof^a Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof^a Dr^a Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof^a Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Prof^a Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof^a Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof^a Dr^a Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Prof^a Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof^a Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco

Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
 Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
 Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
 Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
 Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
 Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
 Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
 Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
 Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
 Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
 Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
M775r	<p>Monteiro, Solange Aparecida de Souza. Relações de gênero e as subjetividades em contextos culturais [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-5706-058-2 DOI 10.22533/at.ed.582202205</p> <p>1. Identidade de gênero. 2. Sexualidade. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza..</p> <p style="text-align: right;">CDD 306.7</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A temática pertinente **RELAÇÕES DE GÊNERO E AS SUBJETIVIDADES EM CONTEXTOS CULTURAIS** é complexa que tem motivadora de debates na sociedade acerca de como abordar a problemática do gênero e sexualidade na educação. Uma educação democrática, pensa a escola como um ambiente rico em diversidade, visto que seu espaço é repleto de sujeitos em formação. Neste sentido, faz-se necessário elaborar estudos que estejam voltados para a discussão sobre a sexualidade, pensando em uma educação mais inclusiva, que pautar no reconhecimento plural das identidades, buscando a perspectiva de garantia de direitos para a construção de uma sociedade mais igualitária que reconheça e respeite a diversidade sexual e de gênero. A escola tem marcas de um ambiente de promoção e de construção do conhecimento, no qual se consolidam aprendizados em que se formam sujeitos em suas subjetividades em contextos culturais sobre si, sobre o outro e sobre o mundo. Deste modo a escola pode ocupar um papel central no desenvolvimento de seus alunos, e que em razão disto pode estimulá-los a pensar criticamente sobre os discursos socialmente construídos e determinantes no sentido de , romper com a reprodução dos aspectos de uma moralidade que estimula a produção de desigualdade, preconceito e violência em nossa sociedade para a construção dos vínculos afetivos, as identificações sociais e principalmente a produção de subjetividades, contribuindo no desenvolvimento de uma cultura plural e de respeito a diversidade dentro de seu sistema de ensino. E assim, pensando nas possíveis manifestações da sexualidade presentes no cotidiano de crianças e adolescentes em contexto escolar, que surgem demandas de realizar uma reflexão acerca dos métodos e condutas adotados pela escola em lidar com esta temática.

Desejo a todos uma boa leitura e que os artigos aqui reunidos sejam fonte de inspiração para reflexões para temas de **RELAÇÕES DE GÊNERO E AS SUBJETIVIDADES EM CONTEXTOS CULTURAIS**.

Solange Aparecida de Souza Monteiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A CULTURA UNIVERSITÁRIA E AS QUESTÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE NA FORMAÇÃO DOCENTE EM EDUCAÇÃO FÍSICA NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE	
Luciano Rodrigues dos Santos Fabio Rodrigues dos Santos DOI 10.22533/at.ed.5822022051	
CAPÍTULO 2	17
A METODOLOGIA NO TRUQUE: DESLOCAMENTOS E (DES) ENCONTROS EM UMA ETNOGRAFIA MULTISITUADA SOBRE TRAVESTIS BRASILEIRAS NA ESPANHA.	
Maria Cecília Patrício DOI 10.22533/at.ed.5822022052	
CAPÍTULO 3	27
COLONIALIDADE DE GÊNERO: (UM)A CONSOLIDAÇÃO DA DESIGUALDADE DE GÊNERO NO BRASIL	
Sarah Francine Schreiner Geanne Gschwendtner DOI 10.22533/at.ed.5822022053	
CAPÍTULO 4	39
EM TEMPOS DE PÓS-VERDADE: DESCONSTRUINDO “IDEOLOGIA DE GÊNERO” E “MARXISMO CULTURAL”	
Rosiléa Agostinha de Araújo Lorena Kelly Alves Pereira Geovane Gomes de Araújo Glauberto da Silva Quirino DOI 10.22533/at.ed.5822022054	
CAPÍTULO 5	50
COMO A GENTE SE DIVERTE: CORPOS MASCULINOS EM WEBSITES DE CRUZEIROS LGBT	
Diego Santos Vieira de Jesus DOI 10.22533/at.ed.5822022055	
CAPÍTULO 6	64
GÊNERO E GESTÃO: EXPERIÊNCIAS DE MULHERES EM CARGOS DE GESTÃO NA INDÚSTRIA CATARINENSE	
Leonard Almeida de Moraes Juliano Keller Alvez Édis Mafra Lapolli DOI 10.22533/at.ed.5822022056	
CAPÍTULO 7	79
GÊNERO, RAÇA E A INCLUSÃO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIAS VISUAIS EM ESCOLAS DE RIO BRANCO/ACRE	
Maria de Lourdes Esteves Bezerra Cleyde Oliveira de Castro Murilena Pinheiro de Almeida DOI 10.22533/at.ed.5822022057	

CAPÍTULO 8	87
OBJETIFICAÇÃO DO CORPO FEMININO: UMA REVISÃO INTEGRATIVA DAS PUBLICAÇÕES CIENTÍFICAS	
Meiriane Christine dos Santos Aguiar	
Isis Vanessa Nazareth	
Yasmin Alves de Oliveira Lopes	
Rejane Corrêa Marques	
Fabrícia Costa Quintanilha Borges	
Thayssa Cristina da Silva Bello	
DOI 10.22533/at.ed.5822022058	
CAPÍTULO 9	98
GÊNERO, SEXUALIDADE E HOMOFOBIA NA ESCOLA: REFLEXÕES A PARTIR DE NARRATIVAS DE LIVROS DE OCORRÊNCIA ESCOLAR	
Keith Daiani da Silva Braga	
Arilda Ines Miranda Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.5822022059	
CAPÍTULO 10	110
OS MARCOS SOCIAIS DA MEMÓRIA E A EXPERIÊNCIA DA TRANSEXUALIDADE	
Kueyla de Andrade Bitencourt	
João Diógenes Ferreira dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.58220220510	
CAPÍTULO 11	121
UM OLHAR DE GÊNERO SOBRE A PSICOLOGIA ESCOLAR	
Iara Luzia Henriques Pessoa	
Glauce Michelle Araújo Penha	
Carlos Alberto Gomes de Brito	
DOI 10.22533/at.ed.58220220511	
CAPÍTULO 12	129
SILENCIAMENTOS: A VIOLÊNCIA CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES, A VIOLÊNCIA DE GÊNERO CONTRA MENINAS E O CONTEXTO BRASILEIRO	
Joice da Silva Brum	
Nivia Valença Barros	
DOI 10.22533/at.ed.58220220512	
CAPÍTULO 13	141
GNOSIOLOGIA NAS INVESTIGAÇÕES EM EDUCAÇÃO SEXUAL: UMA PROPOSTA DE AGENDA DE PESQUISAS	
Solange Aparecida de Souza Monteiro	
Claudionor Renato da Silva	
Débora Cristina Machado Cornélio	
Valquiria Nicola Bandeira	
Marilurdes Cruz Borges	
DOI 10.22533/at.ed.58220220513	
SOBRE A ORGANIZADORA	151
ÍNDICE REMISSIVO	152

GNOSIOLOGIA NAS INVESTIGAÇÕES EM EDUCAÇÃO SEXUAL: UMA PROPOSTA DE AGENDA DE PESQUISAS

Data de aceite: 26/03/2020

Solange Aparecida de Souza Monteiro
UNESP

Claudionor Renato da Silva
UFJG

Débora Cristina Machado Cornélio
UNESP

Valquiria Nicola Bandeira
UNIARA

Marilurdes Cruz Borges
UNIFRAN

RESUMO: Gnosiologia ou Teoria do Conhecimento assume, atualmente, o que, em sua raiz, o era a Epistemologia, na originalidade de seu surgimento na Filosofia e, Epistemologia passa a ser sinônimo de Epistemologia da Ciência. Este Ensaio Teórico pretende trazer os princípios e fundamentos, bem como, apontar alguns referenciais gnosiológicos para a área da Educação Sexual, na proposição de uma agenda de pesquisas que se apresentem como gnosiológicas para se transformarem em currículo para a Educação Sexual, seja na educação escolar ou espaços não-

escolares. De metodologia bibliográfica, o estudo é concluído com desafios à iniciação científica e à pesquisas *stricto sensu*.

PALAVRAS-CHAVE: Gnosiologia. Educação sexual. Pesquisas.

INTRODUÇÃO

O presente estudo de caráter teórico traz à discussão o retorno da gnosiologia (teoria do conhecimento) na frente de estudos da área educacional, particularmente, a Educação Sexual, temática esta, quase em desuso nos artigos em periódicos e nas dissertações e teses. A ideia é que as bases gnosiológicas orientem estudos e pesquisas em Educação Sexual, concentradas na origem, na organização ou evolução, talvez, sedimentação que permitiram ou permitem a construção de conhecimentos em Educação Sexual, que esteja fora, ausente, do conhecimento científico ou escolar. Estes tratados em outra instância, a da Epistemologia da Ciência ou Filosofia da Ciência.

Para os argumentos por uma Gnosiologia em Educação Sexual que se pretende transformar em currículo,

nas considerações discursivas e finais, apresenta-se uma proposta de agenda de pesquisas que valorizem as técnicas etnográficas (PFAFF, 2010; GHEDIN; FRANCO, 2011), dado que estas técnicas propiciam nos estudos em sexualidade humana e, na particularidade dos fundamentos gnosiológicos, a relação dos conhecimentos em sexualidade permeada pela cultura, na relação com o “outro”.

CHAUÍ (2000) já nos deixa explícito, bem como CASTANÕN (2007), que gnosiologia é o ato de conhecer do humano, o processo do pensamento; descreve ou incorpora todos os tipos de formas de conhecer, de construir conhecimento.

Stanislavs Ladusãns (1992, p. 32) define gnosiologia como “[...] uma ciência filosófica num sentido rigoroso, isto é, ela é um conjunto sistemático de conhecimentos, referentes às últimas causas e condições necessárias do conhecimento da verdade. [...]”.

Gnosiologia como Teoria do Conhecimento diz respeito ao como se conhece e quais as formas de se conhecer ou “saber algo”: pensar tudo que possa estar na relação sujeito (o humano) e objeto (o que se conhece ou se passa a conhecer; a realidade). E, desta relação, pontuar também: a) qual a origem do conhecimento ou como se passa a conhecer; b) como se dá o processo de consolidação deste conhecimento ou saber; c) como se chega à verdade deste conhecimento – ponto último ou máximo, no interior da Filosofia.

Esse exercício gnosiológico foi apresentado de diferentes formas e por diferentes filósofos como René Descartes (1596-1650), John Locke (1632-1704) e Immanuel Kant (1724-1804). Atualmente, autores como HEGENBERG (1975), RICKEN (2003).

Em Educação Sexual, estudos sob a base da Gnosiologia estão ocupados em encontrar ou pelo menos identificar, como se conhece sobre sexualidade, ou seja, elencar e identificar a origem, o processo de construção, a consolidação e a modificação (se ela existe ou não) deste conhecimento(s). A origem do conhecimento não é apenas escolar, não é apenas científica. Há muitas formas de se conhecer.

Temos, então, na Filosofia várias correntes de pensamento gnosiológicos. Elenca-se alguns referenciais para os estudos na Educação Sexual:

- O ciclo gnosiológico freireano (FREIRE, 1986; 1987, 2002, 2007 a, b).
- A gnosiologia pluridimensional de STANISLAVS LADUSÃNS (1992).
- A gnosiologia de Steiner (STEINER, 2004).
- A gnosiologia de Habermas (HABERMAS, 1992).
- A gnosiologia pós-moderna de Boaventura de Sousa Santos (SANTOS, 1999; 2011) e MORIN (2005).

No espaço deste Ensaio, nos deteremos em Paulo Freire, um importante referencial na área da Educação Sexual, nas discussões emancipatórias, tão presentes em nossa produção nacional. Os outros referenciais deixaremos para outro momento,

ficam, como indicadores aos pesquisadores(as).

Paulo Freire cria o ciclo gnosiológico (ciclo de ensinar e aprender), ou, o ciclo do conhecimento como prática pedagógica, sob as dimensões epistemológicas, histórico-filosóficas, político-ideológicas, comunicativa e dialógica, ética e estética, pedagógico-cultural e institucional e de gestão. Para Paulo Freire é a curiosidade do sujeito que permite construir o conhecimento sobre o objeto. E isso se faz pela criticidade (FREIRE, 1996), pelo distanciamento, em que, uma sequência de ações são operacionalizadas pelo sujeito sobre o objeto, ou dito de outra forma, o sujeito ‘incide’ sobre o objeto sua observação, constrói a delimitação necessária na observação e aproximação, faz o “cercamento” para comparar, perguntar, “vasculhar”.

As obras FREIRE (1986; 1987, 2002, 2007 a, b). são bases do ciclo gnosiológico, ou melhor dizendo, para um procedimento gnosiológico de agenda de pesquisas que se propõe neste Ensaio Teórico.

Paulo Freire (FREIRE, 1986; 1987; 2002; 2007 a; 2007 b) associou o ato gnosiológico (ou, ato de conhecer) ao ato pedagógico e, por extensão e consequência, *práxis*. Ele constrói a categoria “ciclo de ensinar e aprender” que também chama de “ciclo gnosiológico”.

Ensinar, aprender e pesquisar lidam com esses dois momentos do ciclo gnosiológico: o em que se ensina e se aprende o conhecimento já existente e o em que se trabalha a produção do conhecimento ainda não existente. A “do-discência”-docência-discência – e a pesquisa, indicotomizáveis, são, assim, práticas requeridas por esses momentos do ciclo gnosiológico. (FREIRE, 2007 a, p. 28).

Freire, trata a educação humanista como um projeto gnosiológico: o ato cognoscente é sempre, ao final, compartilhado com outro e outros sujeitos, sob ação num objeto cognoscível. “[...] conhecer é tarefa dos sujeitos, não de objetos. E é como sujeito e somente enquanto sujeito, que o homem pode realmente conhecer (FREIRE, 2002, p. 27).

Como se demonstrará na proposta do programa de pesquisas com a gnosilogia são muitos os teóricos do conhecimento. O primeiro passo, portanto, é definir com que teórico seguir. O procedimento é o mesmo dos estudos em sexualidade no âmbito da Filosofia da Ciência, da Epistemologia da Ciência: elege-se um epistemólogo e se discorre sobre o assunto. Um dos epistemólogos mais utilizados em nossa área é Michel Foucault. Dos referenciais indicados aqui, em gnosilogia, na particularidade de Paulo Freire é possível a construção gnosiológica para se pensar a Educação Sexual, investigando a origem e as formas pelas quais se passa a conhecer sobre sexualidade, conhecimentos que não nascem na escola, mas no dia a dia das pessoas, nas suas vozes e vivências; nasçam na realidade social (BERGER; LUCKMANN, 2001); nasçam da cultura (PARKER; AGGLETON, 2007) e de uma “possível” sociologia da sexualidade como nos apresenta BOZON (2004).

Uma vez consideradas essa construção e opção por um autor e obra e operacionalizadas as formulações indicadas se organiza o currículo, se projeta o conteúdo em Educação Sexual, dos conhecimentos em sexualidade, que nasceram das relações sociais e da cultura. É disso que se trata esta proposta gnosiológica que recorrerá à Antropologia e às práticas etnográficas para a Agenda de pesquisas que se está a construir neste Ensaio Teórico.

Carole Vance (VANCE, 1995) afirma que a Antropologia ao se referir à sexualidade construiu um caminho reflexivo complexo e contraditório. Complexo, pois, lança a dúvida se a sexualidade humana é uma ciência e, ela mesma, a Antropologia tem sido pouco corajosa em abordar o tema. E, também contraditório, o seu caminho na leitura da “sexualidade humana”, na medida em que, não possui uma metodologia que de fato consiga extrair a realidade na questão principal sobre quem é o pesquisador(a); questiona-se, sua legitimidade, na concepção antropológica. O contraditório, então, se baseia na pergunta antropológica: qual a metodologia de pesquisas sobre a sexualidade humana?

Uma das partes do artigo de VANCE (1995) é a “chamada de atenção” para o estudo da ciência da sexualidade na academia e na educação escolar, eu imagino, por consequência, ou seja, o sistema escolar:

[...] a disciplina muitas vezes parece partilhar a visão cultural predominante de que a sexualidade não é uma área inteiramente legítima de estudo [...]. Manifestações dessa atitude são abundantes na pós-graduação e na estrutura de remuneração da profissão. Poucos departamentos de pós-graduação **oferecem treinamento no estudo da sexualidade humana, Em consequência, não existem canais estruturados para transmitir o conhecimento antropológico sobre sexualidade para a próxima geração de estudantes. A ausência de uma comunidade acadêmica comprometida com as questões da sexualidade [...].** (VANCE, 1995, p. 08)

Conclui, VANCE (1995) que,

Os antropólogos têm muito a contribuir para a pesquisa em sexualidade. [...] Os interesses não são pequenos - para a pesquisa em sexualidade, para o trabalho aplicado na educação e prevenção da AIDS, para as políticas sexuais, para a vida humana. Se este é o momento em que a Antropologia “redescobre” o sexo, devemos considerar duas questões: quem vai realizar a investigação? O que seremos capazes de perceber? Precisamos ser **explícitos sobre nossos modelos teóricos, atentos à sua história e conscientes de nossa prática.** (VANCE, 1995, p. 29, grifos meus).

O histórico da Educação Sexual no Brasil, acompanhado de investigações de natureza antropológica em comunidades, famílias, espaços públicos, espaços políticos e de movimentos sociais são o mote ou o *locus* das pesquisas sob a gnosiologia, permitindo um avanço de conhecimento da área da Educação Sexual, tão necessárias e urgentes, sobretudo sobre os conhecimentos que não são científicos e não são escolares, mas materializados e “confeccionados” na subjetividade.

UM PROGRAMA DE AGENDA DE PESQUISAS

Em um artigo recente (SILVA, 2020) se identificou que os conhecimentos em sexualidade humana estão no domínio da área da Saúde e, particularmente, na Enfermagem. Os dados colhidos e analisados são conseguidos por meio de entrevistas ou questionários “pontuais” em espaços escolares – somente nos espaços escolares – e, geralmente, como resultados de intervenções sobre as doenças sexualmente transmissíveis. E, em segundo lugar, com idosos, mas também na mesma direção: a questão das doenças sexualmente transmissíveis e a forma (ou formas) de suas vivências sexuais na fase idosa.

Foram nulos, os achados sobre pesquisas que se debruçaram sobre a origem ou a forma como estes conhecimentos dos estudantes, geralmente, do ensino fundamental do 6.º ao 9.º anos e ensino médio são construídos.

Nas pesquisas em que se investigou, por exemplo, os conhecimentos em sexualidade de profissionais da saúde - e de professores, mas, em menor quantidade – também pouco se preocuparam estes estudos em uma proposta gnosiológica, apesar de tratarem de conhecimentos sobre sexualidade.

Está-se, portanto, num espaço muito profícuo à Educação Sexual em organizar uma agenda de pesquisa gnosiológica que muito enriquecerá a produção científica. Qual a proposta? o de se organizar a origem, os processos, a consolidação e as mudanças de conhecimento(s) em sexualidade. Acredita-se que esse exercício é mais eficiente ou torna-se efetivo na medida em que contribui, também, para se entender novas estratégias de desconstrução de preconceitos, discriminações, etc. Esta proposta de pesquisa pode, ademais, auxiliar no subsídio de informações para políticas educacionais de formação de professores, auxiliar nos trabalhos conjuntos entre pedagogos(as), psicopedagogos(as) e psicólogos(as). A proposta alimenta, por seu programa de agendas de pesquisa, se pensarem currículos em Educação Sexual tanto para escola de educação básica quanto para outros espaços, como os movimentos sociais e partidos políticos.

Para a busca nas origens do conhecimento em sexualidade, desde a infância até a fase adulta indica-se a prática etnográfica de pesquisa (PFAFF, 2010; GHEDIN; FRANCO, 2011).

Já se ressaltou que a Etnografia é uma prática social na qual o pesquisador toma parte da realidade social investigada; isto está claro para todos aqueles que alguma vez tenham trabalhado como etnógrafos. Também se afirmou que o estranhamento, a imparcialidade e a abertura são cruciais para o acesso bem sucedido ao campo e para o estabelecimento das relações com os sujeitos (PFAFF, 2010, p. 262).

Está fora de cogitação na Agenda para estas investigações gnosiológicas que não se efetivem na realidade social, no dia a dia das pessoas, nas suas falas e formas de ser e de viver. O conhecimento não vem do nada é fruto de um processo de construção. É desse processo que se ocupará a gnosiologia. E, depois, se transformará em currículo

para a Educação Básica.

Se entende que esta técnica será básica e fundamental na busca destas “origens”, ou fundamentações sobre as quais conhecimentos sobre sexualidade se consolidam. Há boas contribuições, bem recentes, no campo da Antropologia, que passou a se interessar pelo tema da sexualidade humana.

A prática etnográfica será essencial para se “mergulhar” na realidade social sobre a qual ou sobre as quais o conhecimento em sexualidade é construído e isso a partir da infância. Esta questão é inegociável nesta proposta de agenda em pesquisa, pois, a infância está totalmente fora das considerações sobre o conhecimento em sexualidade, como se esta fase, como à época de Sigmund Freud, no século XX, estivesse invisível na sua própria construção mental e corporal em sexualidade. A agenda deverá se iniciar com a infância e prosseguir, à adolescência, juventude, vida adulta e idosa.

Na Agenda, a prática etnográfica se dará, preferencialmente, em espaços sociais múltiplos, não escolares. Utilizar-se-á da Observação Participante, das Entrevistas, Estudos de Caso, enfim, toda prática que envolve “mergulho” total na realidade e por um tempo relativamente extenso e que traduza uma experiência cultural.

Para auxiliar na reflexão e a construção da Agenda de pesquisa gnosiológica, pela etnografia, Cavalleiro (2010) ao tratar do racismo e do sexismo no espaço escolar – lembrando que, preferencialmente, queremos outros espaços sociais que, não o escolar – se aproxima muito da proposta gnosiológica, no trabalho etnográfico, ao afirmar,

[...] falaremos necessariamente da elaboração e realização de pesquisas cujo parâmetro está calcado em uma abordagem qualitativa. Abordagem essa que, a partir do contato do(a) pesquisador(a) com o sujeito da pesquisa, torna possível apreender não só a realidade objetiva, como também a experiência subjetiva e as perspectivas daqueles(as) que se constituem nossos parceiros (os sujeitos da pesquisa) na construção do conhecimento. [...] é possível: a) conhecer o que é dito e o que não é dito; b) quem são os sujeitos que falam ou não falam; c) quem escuta ou deixa de escutar; e d) como as situações são vividas e percebidas. [...] torna-se primordial a compreensão do problema, a compreensão da realidade que se coloca diante de nós. (CAVALLEIRO, 2010, p. 272).

Obviamente, são aproximações, mas constituem o que exatamente, a proposta gnosiológica em Educação Sexual está a considerar.

Para GHEDIN; FRANCO (2011), apoiando-se em Clifford Geertz (GEERTZ, 2008), a prática etnográfica “capta” o modo de pensar dos sujeitos, não só o que pensam, mas como e porque agem de uma dada forma. Ainda: capta como se organizam e como organizam o mundo a sua volta.

Antes de interpretar – produzir conhecimento – o trabalho etnográfico mergulha na realidade, estranha-se, mas descreve “densamente” o que observa e identifica, o que conversa e o que escuta em que não se perde um foco e único foco para o sucesso etnográfico e desta forma o sucesso gnosiológico: “O trabalho etnográfico

constitui uma forma sistemática de registro do modo de vida de outro sujeito, conforme a visão de mundo e o modo de pensar de sua cultura (GHEDIN; FRANCO, 2011).

Com estas considerações, o Quadro 1, apresenta a Agenda para pesquisas gnosiológicas em Educação Sexual.

Etapa 1	Definição de uma linha de pensamento ou escola gnosiológica
Etapa 2	Lançamento ao campo etnográfico dos espaços sociais, que pode incluir os escolares, mas, preferencialmente, não. Observar, identificar, colher relatos, elaborar descrições densas (Geertz, 2008) que alimentem o projeto gnosiológico.
Etapa 3	Redação do projeto gnosiológico com bases no material descritivo.
Etapa 4	Transposição para currículo escolar e não escolar, segundo o segmento, seja o movimento social, os partidos políticos, cursos de formação continuada, etc.

QUADRO 1 – A Agenda de um Programa de Pesquisas Gnosiológicas em Educação Sexual

Fonte: elaborado na pesquisa.

Nas pesquisas gnosiológicas que se propõem aqui é possível que se recorram aos resultados das investigações concluídas. Investigações estas sobre o conhecimento em sexualidade com jovens ou idosos, por exemplo. De posse destes resultados, dar continuidades aos discursos, para identificação dos diversos caminhos possíveis para se levantar as origens de determinados conhecimentos, os movimentos pelos quais se passou e se está a atravessar pelos indivíduos, os sujeitos da pesquisa, utilizando a linguagem etnográfica. Retomar pesquisas existentes pode ser um bom caminho para a Agenda aqui proposta para a área da Educação Sexual, já que está ausente nos levantamentos prévios de SILVA (2020), justamente, essa perspectiva gnosiológica, mas, que se sabe, que a área da Educação Sexual produz muitas investigações com entrevistas, questionários. Partir destes trabalhos já produzidos e construir as origens e movimentos são ações muito proveitosas na Agenda, o que inclui, visitar os sujeitos de pesquisa, em novas outras pesquisas, seguindo os rigores da Ética em Pesquisa.

Um outro bom ponto de partida para pesquisas gnosiológicas em Educação Sexual são aquelas, fruto de formações continuadas de professores em que se obtém suas biografias e histórias de vida. São muitas pesquisas como estas na área da Educação Sexual, que não necessariamente lidam com o tema do conhecimento em sexualidade, mas, de alguma forma, lidam com as vivências das professoras e professores, com relação à sua sexualidade e a manifestação da sexualidade de seus alunos e alunas. Estes estudos podem se configurar em importantes fontes que irão aprofundar os aspectos em como o conhecimento em sexualidade foi construído ao

longo da história de vida, da história da carreira e demais “histórias”.

As perguntas iniciais, gnosiológicas, seriam, no tocante aos professores e professoras: de onde vem o medo e a insegurança em lidar com a sexualidade e os temas da Educação Sexual? Quando você percebeu que lidar com a sexualidade no espaço escolar seria um desafio em sua carreira? Para adolescentes ou seus pais, uma pergunta gnosiológica seria: como vocês se comunicam no tocante à sexualidade? O que é sexo e como você aprendeu ou quando passou a compreender o que é?

A prática gnosiológica e etnográfica faz gerar não apenas o que pensam, mas também, o que são, o que passaram, lembranças e memórias. História e “histórias”, que, para Paulo Freire, implica libertação, libertação essa, que “[...] não virá porque a ciência preestabeleceu que ela virá. A libertação se dá na História e se realiza como processo em que a consciência das mulheres e dos homens é um *sine qua non* (FREIRE, 1987, p.92).

CONCLUSÃO

A gnosiologia transposta à Educação Sexual é uma aposta de pesquisa para colocada em curso pelo autor. É preciso, que pesquisas, sob esta abordagem filosófica, sejam construídas, por isso, a proposta da Agenda que ainda também está em construção teórica e metodológica. Trata-se de uma vertente a ser ampliada para fora dos espaços (unicamente) escolares em que são “capturadas” informações, representações sobre a sexualidade sob o formato científico não emancipatório e extremamente biológico, “dominado” pela área da saúde.

Pela proposta aqui empreendida é a base gnosiológica primeiro e o currículo depois. A descrição densa etnográfica, primeiro, depois, a interpretação e a construção gnosiológica, uma vez definido a corrente teórica para a investigação.

De modo amplo, se precisa pensar gnosiologicamente/teoricamente sobre o modo como esses conhecimentos em sexualidade se constroem socialmente e historicamente que não são apenas dados fixados em espaços escolares.

A Agenda, desta forma, está posta, está aberta, aguardando voluntários(as) para o projeto que inicialmente é aqui formulado neste Ensaio Teórico.

Aguardemos orientadores(as) dispostos para estas investigações e, principalmente, estudantes, da graduação à pós-graduação, interessados em “atrair” para a área estas novas frentes de pesquisas gnosiológicas em Educação Sexual.

REFERÊNCIAS

BERGER, P.L.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. 20.^a ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

BOZON, M. **Sociologia da sexualidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

CASTAÑON, G. **Introdução à epistemologia**. São Paulo: EPU, 2007.

- CAVALLEIRO, E. S. Considerações sobre a etnografia na escola e prática investigativa sobre as relações raciais e de gênero. In: WELLER, W.; PFAFF, N. (orgs.). **Metodologias da pesquisa qualitativa em Educação: teoria e prática**. São Paulo: Vozes, 2010, p. 271-278.
- CHAUÍ, M. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ed. Ática, 2000.
- FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 12.^a ed. (1.^a ed: 1974). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007b.
- FREIRE, P. **Extensão ou Comunicação?** 12.^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia – Saberes necessários à prática educativa**. 36.^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007a.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, P.; SHO, I. **Medo e ousadia – o cotidiano do professor**. 11.^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. 13.^a edição. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- GHEDIN, E. ; FRANCO, M.A.S. **Questões de método na construção da pesquisa em educação**. São Paulo: Cortez, 2011.
- HABERMAS, J. **Conhecimento e Interesse**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- HEGENBERG, L. **Significado e conhecimento**. São Paulo: EPU/EDUSP, 1975.
- MORIN, E. **Ciência com consciência**. 8.^a ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- PARKER, R.; AGGLETON, P. *Culture, society and sexuality: a reader*. 2nd ed. New York: Routledge, 2007.
- PFAFF, N. Etnografia em contextos escolares: pressupostos gerais e experiências interculturais no Brasil e na Alemanha. In: WELLER, W.; PFAFF, N. (orgs.). **Metodologias da pesquisa qualitativa em Educação: teoria e prática**. São Paulo: Vozes, 2010, p. 254-270.
- RICKEN, F. (Org.). **Dicionário de teoria do conhecimento e metafísica**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003.
- SILVA, C.R. O conhecimento sobre sexualidade – Por uma gnosiologia (teoria do conhecimento) em Educação Sexual. Algumas indagações. **Doxa: Rev. Bras. Psico. e Educ.**, Araraquara, v.22, n.01, p. 1-15, jan./jun./2020. (Prelo). Disponível em: < <https://periodicos.fclar.unesp.br/doxa/article/view/13598> >. Acesso em: 07 mai. 2020.
- SOUSA SANTOS, B. **A crítica da razão indolente**. Contra o desperdício da experiência. 8.^a ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- SOUSA SANTOS, B. **Pela mão de Alice**. O social e o político na pós-modernidade. 7.^a ed. Porto, PT: Edições Afrontamento, 1999.
- STANISLAVS LADUSĀNS, S.J. **Gnosiologia Pluridimensional**. Fenomenologia do conhecimento e Gnosiologia Crítica Geral. São Paulo: Loyola, 1992.

STEINER, R. **O método cognitivo de Goethe**: linhas básicas para uma gnosiologia da cosmovisão goethiana. (Primeira Publicação: 1886). São Paulo: Antroposófica, 2004.

VANCE, C.S. A Antropologia redescobre a sexualidade: um comentário teórico. *Physis*, **Revista de Saúde Coletiva**, v. 5, n.º 1, p. 7-31, 1995.

SOBRE A ORGANIZADORA

Solange Aparecida de Souza Monteiro: Doutoranda em Educação Escolar. Mestra em Processos de Ensino, Gestão e Inovação pela Universidade de Araraquara - UNIARA (2018). Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupungá (1989). Possui Especialização em Metodologia do Ensino pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupungá (1992). Trabalha como pedagoga do Instituto Federal de São Paulo (IFSP/Câmpus Araraquara-SP). Participa dos núcleos: - Núcleo de Gêneros e Sexualidade do IFSP (NUGS); -Núcleo de Apoio as Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE), Membro da Equipe de Formação Continuada de Professores. Desenvolve sua pesquisa acadêmica na área de Educação, História da Educação Sexual, Sexualidade e em História e Cultura Africana, Afro-brasileira e Indígena e/ou Relações Étnico-raciais. Participa do Grupo de pesquisa - GESTELD - Grupo de Estudos em Educação, Sexualidade, Tecnologias, Linguagens e Discursos. Membro desde 2018 do Grupo de pesquisa “Núcleo de Estudos da Sexualidade - NUSEX”

ÍNDICE REMISSIVO

A

Adolescentes 5, 104, 115, 117, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 148

Agenda 15, 40, 41, 45, 48, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148

B

Brasileiro 18, 22, 32, 34, 48, 104, 130, 136, 140

C

Catarinense 64, 65

Colonialidade de gênero 27, 29, 32, 34, 36

Corpo 3, 11, 13, 17, 23, 24, 47, 50, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 60, 61, 62, 63, 74, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 102, 106, 115, 109, 120, 121, 127, 135

Corpos masculinos 6, 50, 51, 57, 58, 60

Cultura universitária 4, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14

E

Educação Sexual 15, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 151

escolar 5, 2, 8, 46, 79, 80, 84, 85, 86, 98, 99, 100, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 112, 113, 115, 117, 118, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 141, 142, 144, 146, 147, 148

Escolar 98, 99, 103, 109, 121, 151

Etnografia multisituada 17, 18

F

Feminino 3, 4, 26, 32, 33, 36, 37, 47, 55, 57, 64, 65, 66, 68, 71, 72, 73, 76, 77, 87, 89, 90, 91, 93, 97, 101, 102, 107, 124, 125, 130, 131, 135, 136, 137, 138

Formação docente 1, 4, 5, 10, 11

G

Gênero 3, 1, 15, 16, 25, 28, 37, 38, 44, 48, 49, 79, 86, 98, 108, 121, 128, 129, 134

Gnosiologia 141, 142, 143, 144, 145, 148, 149, 150

H

Homofobia 43, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 107, 108, 109

I

Ideologia 39, 40, 41, 43, 44, 45, 46, 48, 49

Inclusão 53, 65, 75, 79, 80, 81, 83, 84, 86, 90, 114, 127

Indústria 64, 65, 69, 71, 74, 77

Integrativa 87, 90, 97

Investigações 144, 145, 147, 148

M

Marcos sociais 110, 111, 112, 113, 115, 116

Marxismo cultural 39,40, 41, 43, 44, 45, 46, 48

Memória 25, 31, 42, 106, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120

Metodologia 1, 4, 17, 20, 26, 78, 80, 141, 144, 151

Mulheres 2, 3, 4, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 41, 43, 44, 45, 46, 47, 54, 55, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 81, 82, 83, 87, 88, 89, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 101, 109, 117, 124, 125, 129, 133, 135, 137, 138, 148

P

Pesquisa 1, 4, 8, 9, 11, 14, 18, 19, 20, 21, 23, 28, 35, 39, 42, 48, 52, 57, 58, 63, 64, 65, 69, 70, 71, 75, 77, 78, 80, 82, 83, 84, 85, 86, 89, 90, 92, 98, 99, 104, 105, 108, 118, 120, 122, 123, 130, 131, 138, 139, 140, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 151

Pessoas com deficiências 81, 82

Pós-verdade 39, 40, 42, 43, 48

Proposta 16, 18, 30, 61, 70, 81, 84, 105, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148

Psicologia escolar 121, 127, 128

Publicações científicas 89

R

Raça 6, 30, 37, 79, 80, 81, 84, 85, 86, 94, 121, 122, 123, 124, 131, 135

S

Sexualidade 5, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 19, 34, 39, 41, 45, 47, 48, 52, 53, 60, 62, 90, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 108, 109, 110, 112, 116, 118, 120, 121, 125, 126, 127, 128, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151

T

Transexualidade 110, 112, 113, 114, 115, 120, 128

Travestis brasileiras 17, 18, 19, 21, 22, 25

Truque 22, 25

V

Violência 5, 27, 28, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 41, 42, 44, 53, 57, 60, 91, 92, 95, 98, 99, 100, 101, 103, 105, 106, 107, 108, 116, 117, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140

Violência de gênero 33, 34, 91, 130, 134, 135, 137

 **Atena**
Editora

2 0 2 0